

A CEGUEIRA SARAHAGUANA COMO CONSTRUTORA DA CONSCIÉNCIA COLETIVA

JOSÉ GONÇALVES

Na verdade os olhos não são mais do que umas lentes, umas objetivas, o cérebro é que realmente vê.

José Saramago

O desencadear dos acontecimentos surge a partir do momento em que as pessoas numa determinada cidade, começam a cegar repentinamente. Uma cegueira comparada a “uma luz que se acende” (SARAMAGO, 1995, p. 22), aludindo já aqui à esperança, lucidez e consciência, e que aparece sem qualquer justificação lógica, pelo menos no que concerne a um fator oriundo de algum acidente ou problema associado à visão que anulasse a capacidade ocular dessas pessoas.

Surge assim uma autêntica rotura, uma revolução, que levará os homens da cegueira à lucidez, plasmado tanto no *Ensaio sobre a cegueira* como no *Ensaio sobre a lucidez*, a práticas ensaiadas ficcionalmente, mas que colidem com uma realidade cada vez mais presente, onde questões como a responsabilidade e o humanismo são uma constante no decorrer do seu pensamento, introduzindo-nos no processo de compreensão da sua mundivisão.

A cegueira, normalmente associada à noção de escuro, vê em Saramago uma mensagem de esperança, sendo-lhe atribuída uma tonalidade branca, munindo a mulher do médico, a única personagem que não cega, de coragem, para experienciar verdadeiramente o acontecimento vivido, não se deixando cegar pelas luzes do século, nem temer pela escuridão do mesmo, não se prendendo nunca ao tempo presente.

Para uma das personagens, reforçando aqui a metáfora que plasma o pensamento e mundivisão de Saramago, a cegueira “é como se estivesse no meio do nevoeiro, é como se estivesse num mar de leite” (SARAMAGO, 1995, p. 13), fortalecendo uma obnubilação da consciência individual em que cada um imergia, não permeando um processo de cognição que encaminhasse para uma consciência coletiva, livrando-se dessa cegueira, que não somente representa o momento presente do enredo, mas todo um processo existencial terreno ao longo de todo um friso cronológico universalizado por Saramago neste seu *Ensaio*, atribuindo a sua crítica ao conformismo e comodismo, a cidadãos não praticantes, conceito utilizado por Valter Hugo Mãe, em que uma das personagens conclui, lucidamente, que eles não tinham cegado, após o momento em que recuperaram a visão, no final do romance. Assim, afirma que “penso que não estamos cegos, penso que cegamos, Cegos que, vendo, não veem.” (SARAMAGO, 1995, p. 310)

A cegueira saramaguiana, assim como o escuro, referido por Agamben “não é uma forma de inércia ou de passividade, mas implica uma atividade e uma habilidade particular” (AGAMBEN, 2009, p. 63) no sentido de “neutralizar as luzes que provêm da época, para descobrir as suas trevas, o seu escuro especial, que não é, no entanto, separável daquelas luzes” (AGAMBEN, 2009, p. 63).

Aqui, a mulher do médico, com papel determinante na mundivisão saramaguiana, “não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte da sombra, a sua íntima obscuridade” (AGAMBEN, 2009, pp. 63-64), sendo que é aquela que, numa fase inicial, tem e sente “a responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam” (SARAMAGO, 1995, p. 241), apelando constantemente à organização, tanto no manicômio, como fora dele, afirmando que “se não nos organizarmos a sério, mandarão a fome e o medo” (SARAMAGO, 1995, p. 96). Só assim a consciência de uma responsabilidade coletiva será uma realidade, praticável nos atos de cada agente.

É a mesma que reforça a necessidade de nunca perder a razão e as capacidades racionais que os caracterizam, como animais racionais intencionais, apelando para que “se não formos capazes de viver inteiramente como pessoas, ao menos façamos tudo para não viver inteiramente como animais.” (SARAMAGO, 1995, p. 119)

É precisamente pelas características inerentes ao romance saramaguiano e às personagens por ele apresentadas e trabalhadas, que teremos como base a noção de consciência defendida por Searle.

O filósofo define-a como sendo um conjunto de estados subjetivos de sensibilidade ou ciência, que é despoletado assim que desperta e se prolonga ao longo do dia. Para ele, trata-se de um fenômeno de índole biológica, causada por um conjunto de processamentos neurobiológicos, sendo que apresenta três características comuns e de relevo, transversais à totalidade dos estados conscientes. É vista como um fenômeno interno, uma vez que se processa no interior de um corpo, mais

concretamente no cérebro; é qualitativo, tendo em conta que depende de quem o sente, logo, sendo atribuída uma determinada característica qualitativa, como podemos verificar na reação dos vários cegos no manicómio, diferenciados em camaradas e com comportamentos diversificados, nem sempre para o bem coletivo. Por último, é apresentado como um fenómeno subjetivo, uma vez que é experienciado por um ser individual, que se diferencia dos outros e que levará à transformação do apontado como um mal maior para a sociedade em que os atores se inserem.

Mas para que a transformação do mundo, da sociedade, da comunidade se materialize é crucial que haja na ótica saramaguiana uma consciência coletiva, permeada pela ação e pelo discurso das personagens, integrante do conceito de Vida Ativa de Hannah Arendt, que vê como sua impreterível condição, a pluralidade humana, aqui representada pelo Herói Coletivo, tecido pelo autor de *Levantado do Chão*. É precisamente este coletivo, com a sua própria intencionalidade, conscientes das diferenças e semelhanças inerentes à sua individualidade, assim como a alteridade associada, que face ao mundo ali fotocopiado, como “metáfora do mundo onde a razão não é usada racionalmente”¹, que representa a urgência de Saramago na “presença de um sentido de responsabilidade cívica, de dignidade pessoal, de respeito coletivo.”²

Com coragem, pois antes de tudo, para Agamben, ser contemporâneo é ter coragem, e com o sentido de comunidade, de coletivo, guia os outros cegos nesse caminho “quando a experiência dos tempos não têm feito outra coisa que dizer-nos que não há cegos, mas cegueiras” (Saramago, 1995, p. 308), onde o acontecimento-rutura delineado por José Saramago, se mostra universal, de caráter humanitário, como que numa planetarização daquele, de forma a salientar as consequências para a Humanidade, num sujeito que não é nacional, mas sim planetário, face à nulidade de nomes identificativos do espaço, tempo e sujeito. E para que tal aconteça, a vontade e a coragem a ela mesclada, servem para anular o pessimismo de algumas personagens, no caminho da transformação para uma sociedade mais justa e humana, contrariando afirmações como a de que “a cegueira também é isto, viver num mundo onde se tenha acabado a esperança.” (SARAMAGO, 1995, p. 204)

Com a certeza de que “é uma grande verdade a que diz que o pior cego foi aquele que não quis ver” (SARAMAGO, 1995, p. 283) e são tão cegos aqueles que mandam como os que se submetem e conformam, há a consciência, por parte da mulher, de que aquele preciso lugar é representativo de uma maioria, afirmindo que “o mundo está todo aqui” (SARAMAGO, 1995, p. 102). Esta cegueira acaba por ser uma inversão do que consideramos normal, para de forma externa se conseguir observar o que nós mesmos provocamos, semeamos e colhemos em sociedade, através das nossas ações, com maior ou menor protelar.

Esse escuro é uma forma de consciência e de espaço para alterar o comportamento humano perante o seu semelhante, numa posição de contínuo

desassossego, sendo que Saramago não se considera pessimista, refletindo sim sobre o péssimo que o mundo é, e a necessidade de um profundo entendimento, de forma a transformar, profundamente, a sociedade, pois para Saramago

O que faz falta é uma insurreição ética. Não uma insurreição das armas, mas sim ética, que ponha bem claro que isto não pode continuar. Não se pode viver como estamos a viver, condenando três quartas partes da humanidade à miséria, à fome, à doença, com um desprezo total pela dignidade humana.³

Após a multiplicação dos casos, sucedidos no *Ensaio*, o Governo opta por materializar medidas drásticas, colocando em quarentena todos os cegos, num manicômio abandonado, sendo que mais tarde, com o aumento exponencial do problema, passam a ocupar outros edifícios estatais, sem quaisquer condições, rasgando por completo os trâmites da dignidade humana, usando a força militar, através do Exército, recorrendo ao abate das pessoas, caso fosse necessário, assim que se notassem situações, em que o risco de contágio fosse uma realidade, não obstante não haver qualquer prova científica de que aquela cegueira era contagiosa assim como a conclusão da sua génese.

Sem qualquer reflexão, sem qualquer noção do coletivo, da necessidade de salvaguardar o todo, o Poder Político opta por uma posição de individualismo, exercitando-o, acabando também por cegar, cessando desta forma qualquer hipótese de natureza contagiente da epidemia a que aquele local estava sujeito. Local sem qualquer referência de espaço e tempo. Uma marca deste e de outras obras saramaguianas de forma a universalizar a questão e aproximar uma realidade que também é nossa ou que poderá eclodir a qualquer momento, devido à conduta humana e à sua intencionalidade em comunidade.

É precisamente a coerção externa, por parte do Governo e do seu braço armado, o Exército, às pessoas que já cegaram e que se encontram em quarentena, que levará, por um lado, ao comodismo e conformismo de alguns, olhando somente para uma salvação individual, e por outro lado, à consciência coletiva, por parte de um grupo de cegos, onde se inclui a mulher do médico, a única que não cega, e que decidem optar pela ação discursiva, uma das atividades humanas da *vida ativa*, tecida e defendida por Hannah Arendt, n'A *condição humana*. É precisamente esta intenção, por parte do grupo, passando da *cegueira à lucidez*, que teve o seu eclodir na ação da mulher do médico quando, mesmo não cega, omitiu esse pormenor e em prol de um coletivo, consciente da necessidade da sua ajuda para a resolução deste problema, perante as autoridades, afirmou que também tinha cegado. Assim, foi levada juntamente com os cegos para o manicômio, e colocada numa das camaratas ali

existentes. É esta personagem que faz todo o reconhecimento visual, assim que dentro das paredes do manicómio entram, de forma a garantir a segurança dos restantes homens e mulheres que na sua camarata habitavam.

Esta coerção externa, perante a epidemia de “um tipo de cegueira desconhecido até agora, com todo o aspetto de ser altamente contagioso” (Saramago, 1995, p. 37), então referida por Althusser, como algo permeado pela mediação de uma série de instituições, onde no topo do comando se encontra o aparelho estatal. Vistos como aparelhos ideológicos do Estado, apresentam variadas informações, nem sempre de acordo com a veracidade dos factos, de forma a formatar a população. Os media, a religião, a própria educação, são vistos como vetores que intensificam esse poder do Estado. É algo que se torna visível no *Ensaio saramaguiano* e que tem de ser combatido, tendo em conta a sua significância no condicionamento humano, na garantia das suas liberdades e direitos e na efetivação da ação na sociedade, aliada ao respetivo discurso, evidenciado nas palavras de uma personagem, quando afirma que “os cegos não precisam de nome, eu sou esta voz que tenho, o resto não é importante.” (SARAMAGO, 1995, p. 275)

Essa noção de consciência coletiva, como algo representativo da relação dos homens em determinada comunidade ou grupo de pessoas, que interagem entre si, em que a sua consciência parte não do seu interior, mas sim da formatação levada a cabo pela então coerção estatal e das suas ferramentas na sociedade para que tal se verifique, é o eclodir da necessidade de uma luta transformadora na ótica saramaguiana. Um conceito próximo das suas raízes marxistas e da noção que ambos partilham do Estado.

É nesta introdução de calamidade pública que leva as personagens a lidar com essa mesma realidade, já tão presente na vida de cada um, mesmo antes da epidémica brancura, experimentando-a, sofrendo as consequências e a coerção externa ali decalcada ferozmente, mediante a imprevisibilidade e irreversibilidade ligada à atividade humana ação. É a plataforma para a construção dessa consciência coletiva, perante estes factos sociais.

Surge aqui a tonalidade branca, como representação da esperança nos homens, munidos de humanismo e racionalidade, capazes de articular cognitivamente determinados vetores de análise social.

Tendo como referência que

collective intentionality is the power of minds to be jointly directed at objects, matters of fact, states of affairs, goals, or values. Collective intentionality comes in a variety of modes, including shared intention, joint attention, shared belief, collective acceptance, and collective emotion (STANFORD, 2013),

é imperativo reforçar a importância das atitudes intencionais, por parte dos intervenientes na obra de Saramago, na constituição da esfera social, da sua realidade e, neste caso concreto, da urgência da transformação da mesma, através da ação dos homens, com o precedente do desassossego e da interrogação que na sua consciência devem estar sempre presentes.

É crucial haver uma aceitação coletiva como potenciador da criação de uma linguagem e de um mundo de entidades e instituições, em que as atitudes intencionais, no cerne de uma pluralidade de agentes, que podem colaborar para objetivos comuns, são uma realidade e terão de se coordenar e colaborar para que estes sejam efetivamente materializados.

Mas para que se verifique a intencionalidade coletiva, não basta que cada um dos indivíduos se queira libertar da sua condição atual, pois os caminhos a seguir poderiam ser traçados e definidos individualmente, sem qualquer convergência com a de outros, não obstante os afins objetivos e o conhecimento dos planos que cada um esquematizou e defende.

No *Ensaio sobre a cegueira*, parte-se inicialmente da consciência individual da mulher do médico, como luz no meio de uma cegueira que, apelando à lucidez, anseia por uma transformação da sociedade em que se insere mas, principalmente, da mentalidade dos homens que também nela se e a constituem.

Podemos, no âmbito da análise da intencionalidade coletiva, focar a nossa atenção num dos vários autores que a estudam, como o caso de Durkheim, em que afirma:

Rather than being governed by their desires, beliefs and intentions, individuals' behavior is, according to Durkheim, governed by a collective mind or consciousness, which has a life of its own. The idea of a collective consciousness suggests that in social situations, it is not the individual who decides and acts, but rather the collective consciousness who determines the course of action, and acts through the individual. (STANFORD, 2013)

Para que tal suceda, é essencial que se verifique essa consciência coletiva e, através de cada um dos agentes, a ação ser perpetuada socialmente, de acordo com o que é a intenção coletiva do grupo.

É Durkheim que afirma que, o facto social, entendido como

toda a maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior: ou então, que é geral

no âmbito de uma dada sociedade tendo, ao mesmo tempo, uma existência própria, independente das suas manifestações individuais (DURKHEIM, 1998, p. 39),

e normalmente associado a todos os fenómenos que em sociedade se revelam e materializam, possíveis só onde exista uma organização definida, é evidenciado, através da coerção externa, que provoca nos indivíduos, quando se verifica a “existência de uma sanção determinada ou pela resistência que o facto opõe a qualquer iniciativa individual que tende a violá-lo” (DURKHEIM, 1998, p. 36)

Num outro romance saramaguiano, *Ensaio sobre a lucidez*, os cidadãos, conscientes do poder político, e das falhas do mesmo, como que antecipando a materialização do que na essência e mente dos mesmos esteve inerente, votam conscientemente, e de forma maciça, em branco. Esse exercício cognitivo, foi desencadeado por um conjunto de experiência físicas, mediante a ação dos agentes políticos, levando à lucidez da população.

O mesmo acontece no *Ensaio sobre a cegueira*, no que diz respeito à coerção externa, aqui promovida também pelo poder político e pelo seu ramo militar, após todo um conjunto de ideias que, segundo Durkheim, nos são impostas, não sendo elas elaboradas por nós. É contra esta assimilação e formatação que Saramago despoleta todo um conjunto de ações materializadas pelas personagens, que nunca descuram o fator humano e emocional nessa conduta, timbrando assim a sua individualidade, mesmo que no seio de um grupo com que se identifica, especificamente para a transformação do mundo e da forma como cada pessoa se comporta no seu seio.

Está plasmado nas palavras de Durkheim o cenário com que nos deparamos, que confronta a atitude dos cegos da camarata da mulher do médico e o poder coercivo exterior promovido pelo poder político:

Estes tipos de comportamento ou de pensamento são não só exteriores ao indivíduo, como dotados de um poder imperativo e coercivo em virtude do qual se lhe impõem, quer queira, quer não. Sem dúvida, quando a ela me conformo de boa vontade, esta coerção não se faz, ou faz-se pouco, sentir, por inútil. Mas não é por isso uma característica menos intrínseca de tais factos, e a prova é que ela se afirma logo que eu procuro resistir. Se tento violar as regras do direito, elas reagem contra mim de modo a impedir o meu ato, se ainda for possível, ou a anulá-lo e a restabelecê-lo, sob a sua forma normal, se já executado e reparável, ou a fazer-me expiá-lo se não houver outra forma de reparação. (DURKHEIM, 1998, p. 30)

O Herói Coletivo saramaguiano exerce aqui a sua coerção externa, contrariamente ao que normalmente se relaciona com este procedimento social, apontado a quem governa ou gera, e perante todo um conjunto de ideias de que todos têm consciência, potenciada por essa cegueira branca, insurgindo-se contra o poder político, de forma intencional.

Apesar de o facto social ser visto como algo exterior ao indivíduo, não o é no sentido coletivo, aquando dessa insurreição ética por parte dos cegos, já conscientes de que “já éramos cegos no momento em que cegamos, o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos” (SARAMAGO, 1995, p. 131).

A individualidade dos homens não se perde, mas fomenta a integridade da consciência coletiva, de forma intencional, agindo no tecido social e político, de acordo com os objetivos desse mesmo coletivo ou comunidade. As características de cada facto, coercitividade, exterioridade e generalidade, estão inerentes aos episódios deste *Ensaio*, tal como o era defendido por Durkheim. Estamos perante um entendimento dos indivíduos, através da coletividade que representam em sociedade, e não o contrário.

A mulher do médico confirma esta teoria, a partir do momento em que ela entende que se deve integrar como cega, perante as ordens militares, fingindo-se de cega perante os restantes cegos, agindo coletivamente e em prol da construção dessa consciência, que se quer coletiva, para que a esperança na transformação e mudança das mentalidades seja uma realidade e que todo um processo cognitivo seja desencadeado durante o período de cegueira, pois “estar cego não é estar morto (...) mas estar morto é estar cego.” (SARAMAGO, 1995, p. 111)

Para Durkheim, assim como para José Saramago, a solidariedade social é crucial para a manutenção dos laços entre os homens, fomentando assim a consciência coletiva e a responsabilidade comunitária, de forma a anular aquilo que Erich Fromm associava ao inconsciente individual e coletivo, verificável num determinado grupo de cegos, também isolados no manicómio, mas em camarata que não a da mulher do médico.

Há ainda uma procura, por parte de José Saramago, ao longo do enredo que nos propõe, de acentuar os pilares para a edificação da Teoria do Sujeito Plural, já defendida por Margaret Gilbert. Podemos verificar isso na construção do coletivo e da consciência a ele associado, mediante as situações-limite com que se deparam, onde a ação conjunta terá que se encaminhar para o *we-intention*, já defendido por Sellars, onde se tenta preencher, em parte, a lacuna entre a emoção e a intuição, onde as atitudes não são meramente particulares, mas direcionam-se para pontos partilhados por todos os intervenientes, podendo, desta forma, haver um espaço para a crítica interna ao grupo a que pertencem.

Perante essa teoria, e se nos focarmos na camarata a que pertence a mulher do médico, representativa da lucidez em que Saramago deposita a sua esperança, terá de

haver um compromisso comum, um compromisso da vontade. A vontade, aqui como um vetor importante na obra saramaguiana, já trabalhado em *Memorial do Convento*, aquando da recolha das vontades por parte de Blimunda, de forma a fazer voar a *Passarola*, idealizada pelo Padre Bartolomeu de Gusmão, concretizando assim o sonho então laborado na sua mente, permeando a alteração de alguns paradigmas, especificamente no que concerne à Ciência, em contraposição à coerção que a instituição Igreja decalcava na sociedade e nos pensadores de então.

É ainda segundo esta teria de Gilbert, que se afirma, que esse compromisso comum só poderá ser anulado e firmado no conjunto dos seus agentes, no seu coletivo. No *Ensaio Sobre a Cegueira*, o compromisso comum dos elementos daquela camarata é edificado em torno da saída, da libertação do local onde se encontram isolados, a mando do próprio Governo, que exerceu a sua coerção, através de instrumentos de violência, que em si tende a monopolizar em situações como estas.

Essa libertação, será o mote para o momento em que se depararão com a realidade social em que sempre estiveram inseridos, como atores sociais, permitindo que determinadas ações fossem levadas a cabo, devido às suas posições de constante comodismo e conformismo.

Os dias no interior do manicómio, em isolamento, foram cruciais para a construção dessa consciência coletiva e a necessidade de a firmar, através do experienciado fisicamente, e mesmo emotivamente, pelos cegos, para que a intenção de todos fosse focada num ponto comum. Mas para que tal se materializasse era imperativo que esse compromisso significasse acreditar e aceitar, para que a construção de um único corpo fosse uma realidade e atingisse eficazmente os seus principais objetivos.

É precisamente através desta estrutura de compromisso comum que Gilbert define o tipo de grupo social *plural subject*. Não obstante esta tipificação, no *Ensaio saramaguiano* não conseguimos definir este tipo de grupo social, uma vez que o mesmo serve para que se reflita perante a tal cegueira, que mais não é do que a continuidade de uma forma de estar em sociedade que, em si mesma, perante os parâmetros de análise saramaguiana, é uma outra forma de cegueira.

O vínculo coletivo tem uma particularidade que devemos salientar. A diferenciação dos homens em sociedade não permite, à partida, que o conjunto responda por cada uma das individualidades. Logo, não podemos descurvar que esse vínculo é consequência de uma democrática aceitação de ambas as partes, dessas diferenças individuais, em que aqui, se encontra numa constante construção do coletivo que, no que concerne a propriedades, ainda não se firmou devidamente.

Para esta construção de identidade coletiva, também trabalhada por Hannah Arendt, é crucial a determinação das ações a materializar em sociedade quando os homens são confrontados com problemas, que requerem dele o discernimento necessário para serem ultrapassados.

This process of identity-construction, is never given once and for all and is never unproblematic. Rather, it is a process of constant renegotiation and struggle, a process in which actors articulate and defend competing conceptions of cultural and political identity (STANFORD, 2014),

mas somente com o aparecimento da visão no final do *Ensaio* é que, a grande parte do fermentado ao longo do enredo, verá a sua coesão materializada. Será assim, um ponto de partida, despoletado pela consciência de que eles sempre estiveram cegos, e que cegos continuavam. A ação determinaria, a partir daquele momento, a alteração desse paradigma existencial, que é o de colocar de parte qualquer necessidade de agir discursivamente, em prol de um bem comum, de um coletivo, e na dignidade que a ele deve estar associada, pois há uma “uma grande diferença entre um cego que esteja a dormir e um cego a quem não serviu de nada ter aberto os olhos.” (SARAMAGO, 1995, p. 99)

É verificável a mensagem que o Nobel da Literatura pretende transmitir, fotocopiando o seu pensamento nas páginas do livro, alertando para a consciência de uma responsabilidade coletiva, sendo esta edificada e laborada pela mulher do médico, nas suas ações em prol da comunidade, que convivia com ela, aquando do período da cegueira, assim como após esse cenário apocalítico. Mas não se consegue efetivar essa responsabilidade

without agency, intentionality, freedom, or autonomy on the part of the entity to whom responsibility is ascribed or who is held accountable, an account of collective responsibility will have to include conceptions of collective agency, collective intentionality, collective freedom, and/or collective autonomy. (STANFORD, 2013)

A cegueira laborada por Saramago no *Ensaio* é a plataforma para o questionamento da condição humana, para a reflexão acerca da pluralidade humana e do que a mesma necessita para que se verifique em sociedade, na comunidade política.

Esta epidemia branca mais não é do que o próprio remédio para a cura da inconsciência que caracteriza as ações ou a falta delas por parte dos homens.

É a forma de muscular a consciência coletiva de um grupo para que, intencionalmente, ajam de forma comum e para este mesmo bem, pois neste mundo de cegos “que é um morrer de quem não usa a razão para viver”⁴, o autor questiona-nos, para permear uma reflexão truncada: “se o homem é um ser racional e usa a razão

contra si mesmo – um contra si mesmo representado pelos seus semelhantes –, então de que é que serve a razão?”⁵

Notas

¹ “Consciência às cegas”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 de Outubro de 1995 (Entrevista a Hugo Sukman).

² “O Prémio Nobel José Saramago em Bogotá. Indignado”. *Revista Número*, Bogotá, n. 44, Março-Maio de 2005 (Entrevista de Jorge Orlando Melo).

³ O homem transformou-se num monstro de egoísmo e ambição”. *El Cronista*, Buenos Aires, 11 de Setembro de 1998 (Entrevista de Osvaldo Quiroga).

⁴ “José Saramago. Todos os pecados do mundo”. *Expresso*, 28 de Outubro de 1995 (Entrevista a Clara Ferreira Alves).

⁵ Carlos Reis, *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Caminho, 1998.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó. Editora Argos, 2009.
- AGUILERA, Fernando Gómez. *José Saramago nas suas palavras*. Lisboa: Editorial Caminho, 2010.
- ARENKT, Hannah. *A condição humana*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2001
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. Lisboa. Editorial Presença, 1998.
- ESPADA, J. C. & ROSAS, J. C. *Pensamento político contemporâneo. Uma Introdução*. Lisboa: Bertrand Editora, 2004.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. Lisboa: Editorial Caminho, 1995.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a lucidez*. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.
- COLLECTIVE Intentionality. In: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Stanford: University of Stanford; The Petaphysics Research Lab - Center for the Study of Language and Information (Eds), 2013, p. 3-31.
- CONSCIOUSNESS. In: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Stanford: University of Stanford; The Petaphysics Research Lab - Center for the Study of Language and Information (Eds), 2014, p. 3-54.
- HANNAH Arendt. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Stanford: University of Stanford; The Petaphysics Research Lab - Center for the Study of Language and Information (Eds), 2014, p. 3-34.